

MURILO CHEVALIER E O BABADO PROCESSUAL: UM CORPO/CORPA EM PERFORMANCE NA REDE

MURILO CHEVALIER AND BABADO PROCESSUAL: A BODY IN PERFORMANCE ON THE NET

Wagner Miranda Dias

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/CAPES

Resumo: O artigo investiga aspectos do processo de criação do performer Murilo Chevalier. A reflexão é estruturada na observação de sua escrita performativa e na análise de seu perfil no Instagram no contexto pandêmico. Destaca-se a importância de trânsitos que incorporam, ao seu percurso criativo, processos de tradução interlinguagens e questões sobre heteronormatividade e censura dos corpos. A fundamentação teórica se dá em diálogo com Cecília Almeida Salles, Edgar Morin, Josette Fèral e Jacó Glusberg, entre outros.

Palavras-chave: Processos de Criação, Artes do Corpo, Teoria Queer, Audiovisual, Comunicação.

Abstract: *The article investigates aspects of performer Murilo Chevalier's creative process. The reflection is structured in the observation of his performative writing and in the analysis of his profile on Instagram in the pandemic context. The importance of transits that incorporate, to their creative path, processes of interlanguage translation and questions about heteronormativity and censorship of bodies is highlighted. The theoretical foundation takes place in dialogue with Cecília Almeida Salles, Edgar Morin, Josette Fèral and Jacó Glusberg, among others.*

Keywords: *Creation Processes, Body Arts, Queer Theory, Audiovisual, Communication.*

Introdução

I'm beautiful in my way 'cause God
makes no mistakes
I'm on the right track, baby, I was
born this way
Don't hide yourself in regret, just
love yourself, and you're set
I'm on the right track, baby, I was
born this way
Lady Gaga

As ligações entre vídeo e performance se dão, primeiramente, a partir do uso da câmera como meio de registrar e fixar a impermanência característica da performance. Essa interação também produzirá documentação sobre a ação performática. No entanto, a videoperformance, fazendo jus à tradição subversiva das duas linguagens, ao mesmo tempo que fixa, cria interferências e atravessa o seu caráter de arquivo, inaugurando outras noções do corpo e dos sentidos de presença.

Assim, ações, performances e happenings driblam seus aspectos intrinsecamente efêmeros e presenciais através do registro audiovisual. Constituem registros que, muitas vezes, serão afetados pelas particularidades próprias de cada meio. A questão comum às interações das artes do corpo com o audiovisual diz respeito às relações presenciais entre os artistas e o público. Teóricos como Glusberg (2013, p. 59), caracterizam a performance arte como uma interação que prevê “o contato direto entre o emissor e receptor sem a intermediação técnica de nenhum equipamento eletrônico moderno, exceto pela utilização de som ou de vídeo”, colocando essa experiência de proximidade como condição intrínseca da prática performática. Mas, o que os cruzamentos da performance com o audiovisual instalam é algo de outra ordem. Não se trata da destruição das tradições

identificadoras das linguagens, mas de sua ressignificação, de seu deslocamento.

Outras e/ou novas possibilidades dadas pela entrada do audiovisual reestruturam pontos importantes da linguagem da performance relacionados aos modos de construção, manipulação e desconstrução dos nexos da presença. Esse aspecto é pensado por Ferál ao refletir sobre as relações entre a arte, o real e a diversidade de interações mídia - tecnologias - performance:

A performance se propõe, com efeito, como modo de intervenção e de ação, sobre o real, um real que ela procura desconstruir por intermédio da obra de arte que ela produz. Por isso ela vai trabalhar em um duplo nível, procurando, de um lado, reproduzi-lo em função da subjetividade do performer e, de outro, desconstruí-lo, seja por meio do corpo – performance teatral – seja da imagem – imagem do real que projeta, constrói ou destrói a performance tecnológica. (FERÁL, 2015, p.137)

A videoperformance, então, assume os meios tecnológicos como formativos da imagem, sistema reconstrutor ou desconstrutor do “real”, que redimensiona as relações com o corpo, espaço, presença e as relações artista-espectador. Nos processos de criação de videoperformances, percebemos que a utilização de novos meios e tecnologias oferecem ao performer inúmeras possibilidades de criação, a diversificar os modos de interação com colaboradores envolvidos no trabalho e, especialmente, com o espectador, apontando novos modos de ver, estar, ser, existir do corpo.

1. Um corpo que já foi corpo, ainda é corpo também corpa

É nesse sentido que o videoperformer Murilo Chevalier atua. Todas as suas videoperformances habitam o espaço virtual da rede social

Instagram¹ e se caracterizam fortemente pela profunda relação do performer com a música e pela temática queer. Chevalier tem sua formação baseada, inicialmente, no teatro, tendo se formado no Senac SP. Depois, cursou Artes do Corpo na PUC-SP. Em seu Instagram, Chevalier tem, atualmente, 3619 seguidores e, por diversas vezes, seu trabalho foi apropriado, memorizado e invadiu outras redes sociais e mídias.

Esta análise de seus processos será feita com base no escrutínio de seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Pós-graduação *Lato Sensu* em Práticas Artísticas Contemporâneas da Faculdade Armando Álvares Penteado, terminado em 2021, intitulado *Moço, eu só quero sentir* e na observação do Instagram do artista. O texto *Babado processual*, também de autoria do artista, será usado no item homônimo desse artigo.

As definições que Chevalier atribui, na introdução de seu TCC, à sua inquietação artística, revelam características que estruturarão o seu processo, como inacabamento e fluxo contínuo:

este ensaio surge fazendo jus à palavra em que se propõe acontecer, academicamente falando... como um ensaio, um experimento, algo inacabado, em processo, no esquema work in progress . é sobre um corpo que já foi corpo, ainda é corpo, porém, como desdobramento desse mesmo corpo, traz consigo também no corpo uma corpa.

Sobre o uso dos textos do TCC observa-se que há algum tempo não é novidade a ida de artistas para o mundo acadêmico o que, por vezes, pode suscitar proposições que levam a resultados hibridizados, com possibilidades de, por exemplo, escrever parte da pesquisa e criar uma ação artística ou obra de arte como complemento. Chevalier, elabora seu texto de

TCC como “escrita performática”, também arquivo de criação em desenvolvimento contínuo, em que a linguagem acadêmica é subvertida, reinventada, reescrita e incorporada – um texto que, ao ser lido, aprofunda aspectos do corpo/corpa que se apresenta no Instagram.

O reconhecimento de que a obra se dá como processo sógnico em constante movimento e inacabamento é um ponto relevante na teoria crítica de processos de criação de Salles e, de acordo com esse entendimento, a pesquisadora (2011, p.165) pondera que “relativiza-se, assim, a noção de conclusão como uma forma única possível. Qualquer momento do processo é simultaneamente gerado e gerador”.

Dessa forma, pensar as videoperformances de Chevalier, considerando sua escrita performativa como arquivo e obra – índice processual -, torna possível acrescentar outras profundidades a olhares sobre seus trajetos de criação com o vídeo e na rede social. Esse trânsito acrescenta, ainda, uma camada de significado que se refere ao processo de tradução interlinguagens. Salles (2017, p.151), nessa perspectiva, teoriza que o pensamento da criação se dá em constante fluxo tradutório e que, ao entendermos esses trânsitos, compreendemos quais linguagens fazem parte dessa rede e que funções desempenham na estruturação da trama semiótica. Nesse contexto, é importante observar a partir de quais interações vai se formando a rede criativa de Chevalier. Além da escrita verbal, outra linguagem que se soma aos processos poéticos do artista é a música, elemento que ele considerava fundamental:

este ensaio é sobre como a música audível em sua estrutura métrica entre graves, médios e agudos pode agir nos corpos(as) e trazer, no meu caso, como proponente deste babado, desde experiências sensoriais múltiplas a desejos estéticos a nível de pesquisa e ressignificação das referências (mu-

¹ <https://www.instagram.com/murilochevalier/>

sicais) escolhidas como alicerce do trabalho. atrelo a esse pensamento a linguagem do vídeo e suas extremidades, que se somou de forma contundente à relação entre música que se escuta e música que se vê, através da música em formato de mídia física, pré-streaming, que me acompanha ao longo de mais de 20 anos como colecionador de CDs

Assim, a música é, junto ao corpo e às palavras, elemento constitutivo do pensamento de criação de Chevalier e uma das bases fomentadoras da elaboração de suas redes e de seus processos em videoperformance. Chevalier explicita que, à sua relação sensorial com a música, se soma outra que ele denomina de “física” – a que se dá com os CDs colecionados durante 20 anos. O CD é, não só repositório das músicas, mas objeto que guarda as memórias afetivas do artista. Outro aspecto que se evidencia é a preocupação do artista com a obsolescência dessa mídia. O artista compõe um subcapítulo em seu TCC sobre esses pontos intitulado *HOJE EM DIA NINGUÉM MAIS USA, MAS TODO MUNDO TEM*, do qual destacarei dois trechos. O primeiro se refere aos CDs, como encarnação de memória que se espalha do corpo à casa:

quando fui ver, estava lá. 10 mil compact discs habitando o corpo que ocupo. agora sonoro (lembra da proposta de imagem-funil colocada lá no começo?). o que fazer com tudo isso? são 10 mil corpos outros atrelados ao corpo sonoro que ocupo, se espalhando pela casa-corpo e esses mesmos corpos tentam se organizar na paz do lar com a ideia de convívio social que nos foi empurrada ao longo da história.

Para Jerusa Pires Ferreira (2014, p.82) “a memória, como sabemos, não é uma coisa despótica e que se guarda em si mesma e só no corpo”: Assim, os CDs vão para a videoperformance não só como tentativa de dar sobrevida a essa mí-

dia, mas como objeto-memória, que dividirá o protagonismo da imagem com os personagens criados por Chevalier. Nesse sentido, em muitas experimentações, o artista usa um aparelho de reprodução que evidencia o CD e, também, as suas respectivas capas. O segundo aspecto se apresenta como uma espécie de constatação técnico-didática sobre o desaparecimento iminente do CD, como objeto em si, fechado em sua utilidade e fim.

mas, com o passar do tempo, as modernas novidades acabaram sendo superadas com velocidade espantosa. esses produtos deixaram de ser o formato preferido de muitas pessoas para armazenar arquivos digitais ou reproduzir músicas e filmes por conta do surgimento de novos suportes que cumprem a mesma função e são, na maioria das vezes, fisicamente bem menores, como os pen drives — sem contar a possibilidade de armazenar dados em nuvem, em que não é necessário portar uma mídia física.

No entanto, o fato do possível desaparecimento dessa mídia metaforiza a hipótese de desaparecimento do corpo/corpa do artista, suas memórias, ações e história. Evidentemente, o que se deslinda na tentativa de encarnação e reabilitação do objeto CD pelo corpo/corpa de Chevalier, frente à sua iminente e inevitável substituição como mídia, se refere à manutenção da memória do artista e também diz respeito a questões de invisibilização e desaparecimento dos corpos/corpas LGBTQIA+.

2. Um pensamento partitural coreográfico processual

A entrada desse aspecto no seu processo de criação é trazida por Chevalier na autoentrevista que forma o capítulo jurando-que-trabalha-com-videoperformance do seu TCC.

entrevistadore: antes de discorrermos sobre seu trabalho, por que corpa?

corpa: corpa nada mais é que a força da feminilidade ou travestilidade atribuída à palavra até então masculina fragilizada, chamada de corpo, e que lá atrás, no começo desse ensaio, um dia fui. você tem alguma amiga travesti? algum amigue trans? foi com elas que aprendi. não sou travesti, não sou trans e muito menos não binária. mas atribuo o termo à minha corpa como forma de ser aliado a essas corpas. com autorização das mesmas, claro. entrevistadore: arrasou na problematização, kirida.

A temática queer é recorrente na videoperformance de Chevalier e se apresenta como afirmação de identidade e resistência. Ao se assumir como “corpa” além de se solidarizar com “corpas” trans e travestis, acrescenta, ao trabalho, mais essa camada poética e politiza radicalmente sua ação artística. O corpo queer politizado de Chevalier se manifesta em todas as suas experimentações. As fotoperformances, nas quais expõe seu corpo nu interagindo com o imaginário, os clichês e alguns ícones da cultura LGBTQIA+ são exemplares contundentes desse aspecto.

Segundo Preciado (2014, p. 26), “O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados”. A arte de Chevalier é, nesse sentido, modo de resistir a eliminação ou apagamento. Desse modo, seu corpo/corpa se autoriza a, potencialmente, fundar outras ligações, com a arte e com o mundo – é uma ação capaz de promover encadeamentos bastante radicais, positivos, negativos e neutros, de ida e volta, em cima e em baixo constantes entre o indivíduo e o coletivo. Modos de resistência.

Essa postura de Chevalier pode ser vista como uma exploração das brechas (Morin, 2011) no que diz respeito à heteronormatividade e a censura dos corpos, flagrantes das redes sociais digitais, que replicam as normatizações do mundo não digital. Algumas vezes, o artista teve videoperformances e fotoperformances bloqueadas no Instagram por denúncias anônimas. Por outro lado, o artista apresentou trabalhos, na plataforma, que viralizaram e se tornaram memes. Na sequência da autoentrevista, Chevalier relata outros pontos de seu trabalho:

corpa: agora sobre o trabalho. faço um vídeo aí. experimental mesmo. fora da curva. bem esquisitinha. discutindo sexualidade. meio pop, meio industrial. ora falocêntrica, ora com força total contra o patriarcado branco falocêntrico das cacuras que estão no poder. bem sashey away.

entrevistadore: fale mais sobre essa relação.

corpa: então, gata, a tentativa é ressignificar também minhas referências, que nos vídeos se manifestam através da música. é como devolver estética e conceitualmente uma força que a própria música instaurou em mim, seja (sic) por qual tendência sonora escolho considerar. minha corpa se mantém aberta para a música até o presente momento. e o tal do ressignificar é trazer à luz songs até então “esquecidas” pelo público num modus operandi errante, me apoiando em algumas bóias como caminho e deixando espaço para a improvisação, atrelado ao lipsync, à dança, em relação direta com a câmera botando a corpa que ocupo pra jogo. jogo este que começa através dos CDs que coleciono há 20 anos.

É a partir do acionamento e apropriação desses elementos que Chevalier, imerso na complexidade de suas redes de criação, se entende como corpo-em-obra, em constante fluxo, em inacabamento. No capítulo de seu TCC, *INTRODUCING MURILO CHEVALIER*, o artista expõe

como aspectos de continuidade e limites se dão em seu trabalho:

eu, corpo, sou ocupado por um corpo. prefiro não me identificar pelo meu nome de batismo porque a questão biográfica pode não ser um atrativo a você que lê estas linhas textuais. vamos seguir através da imagem de um funil. Começamos no macro para chegarmos a uma ideia de micro, uma possível aptidão para criar gestos menores. que se enfiem no campo da percepção. gesto menor como micropolítica, um pensamento partitural coreográfico processual.

Dessa forma, a lógica de inacabamento, de work in progress, que se manifesta nas interações entre escrita, música, corpo/corpa, ressoa em suas experimentações com os vídeos. A partir do texto do artista, podemos estender esse entendimento processual, também, para os limites manifestados nos aspectos partituras e em escolhas que, necessariamente, serão feitas nos caminhos trilhados do macro ao micro e vice-versa para a elaboração das videoperformances. Se manifesta, também, o entendimento da natureza de seu processo de criação na rede social tal qual “gesto menor como micropolítica”. Desse modo, a capacidade de subversão dos sentidos individuais e comunicativos do Instagram são a base de sua ação política e sublinha sua diferença num ambiente criado para promover a pasteurização das identidades.

No início dos anos 2000, Giselle Beiguelman (2005, p.102) identificava que a internet possibilitaria a “construção de personalidades diversas corporificadas em entidades virtuais, como os avatares, que desintegram e multiplicam as identidades”. De lá para cá, as tecnologias digitais se desenvolveram exponencialmente. As redes sociais, as tecnologias e aparelhos digitais se sofisticaram e mudaram continuamente, oferecendo recursos de interação inimigáveis no

início do século XXI.

3. Pandemia e o babado processual

Esses aspectos, junto com a crise pandêmica, ditarão reformulações nos caminhos dos processos de Chevalier. No texto, *Pandemia e o babado processual*, o artista faz um breve resumo de sua trajetória nesse sentido:

em 2016, pré-pandemia, cursando o segundo ano do curso de comunicação das artes do corpo na Puc, entendi que as redes sociais poderiam ser um canal na qual pudesse depositar ideias (posto, saio correndo, busco cuidar da saúde mental e volto depois). mas que ideias? São Paulo é uma cidade cheia de estímulos e a sensação de estar tomado de muita informação desde sempre, desde que a rua me chamou sabe-se lá com qual propósito.

O trecho acima esclarece como a efervescência típica de uma metrópole como São Paulo, propiciou o surgimento de diálogos múltiplos para que os processos de criação de Chevalier se dessem. Para Morin (2011, p.35-36) “a dialógica cultural favorece o calor cultural que a favorece. A conjunção da pluralidade, do comércio, do conflito, do diálogo, do calor constitui uma alta complexidade cultural”. O artista é enfático sobre alguns aspectos, bastante práticos, da interferência da pandemia sobre seus processos de produção:

“meu trabalho”, a tal busca por impactar as pessoas e fazer a devolução a vastidão de Terra, até o presente momento, 2021, com o impacto da pandemia, vem sofrendo mudanças. as constantes adaptações técnicas, de não ter materiais para compor as escolhas estéticas do babado processual todo, seja por falta da tal da grana, seja por um estabelecimento/loja que depois de tantas ordens vide covid, impede, devido aos horários mais diferenciados quanto ao seu funcionamento, retardando um pouco o

“resultado final” do próximo vídeo, próxima foto ou a próxima dancinha a ser postada

Nesse ponto, é necessário trazer de volta o TCC do artista, especificamente o capítulo Epílogo, em que é apresentada uma perspectiva mais internalizada do modo do artista lidar com a pandemia:

2020 e 2021 também me trouxeram isso. um vazio concreto, e não só aquele vazio existencial de crise existencial de não saber o que e como suprir este oco que nos habita. este vazio (o concreto) me ensina todos os dias que é sempre menos, menos e menos

Então, são colocadas duas perspectivas do artista sobre como ele e seu trabalho são afetados pela pandemia de 2020/21. Apesar de apresentarem reflexões sobre diferentes questões, no entanto, se complementam.

Conclusão

Um processo de crise violento como o que se instala planetariamente, tem a capacidade de se propagar, tomar um grande vulto, e ocupar vários aspectos da vida humana e do funcionamento das sociedades, criando dificuldades que alteram, significativamente, o cotidiano e atingem emocionalmente, psicologicamente e fisicamente a todos. Henri Matisse (Apud Glotan e Clero, 1973, p.25) dizia que “criar é expressar o que se tem dentro de si. [...] Resta que é necessário ainda alimentar o sentimento, o que tem de ser feito com o auxílio de elementos que se extraem do mundo exterior”. Assim, criar arte, no contexto crítico, se coloca, então, como um desafio – um acréscimo às dificuldades de produção já expressas por Chevalier. No entanto, se cria e o artista se pergunta: por quê?

sendo assim, qual a sua, a minha, a nossa importância na terra? somos porta-vozes?

temos uma missão? fazemos milagre quando agimos no social e nos espaços que ocupamos quando manifestamos nossa arte? que tanto e tanto de falácias e hipóteses são essas acerca da arte, logo, do corpo; objeto, ferramenta ou seja lá como quiser chamar, sempre temido por algumas instâncias. qual o papel do corpo? que chamamento ele deve atender?

Toda crise atinge e modifica os corpos. No caso de um estado de crise global persistente no qual venha se sobrepor uma perigosa pandemia, a possibilidade de acontecer a falência da vida coletiva é enorme. No Brasil, foi exatamente o que aconteceu. Tudo isso se junta à trágica e incompetente gestão da situação pelo poder executivo federal. Havia e ainda há um estado de instabilidade muito intenso no País. A instabilidade gera o medo que impõe novos modos para nossa existência, atravessado continuamente pela desorganização dos sistemas cotidianos. Na arte, na vida, tudo conspira pela impossibilidade de conquista de objetivos e sonhos almejados. No entanto, o artista faz perguntas a si e ao mundo. Por quê?

Termino esse escrito deixando uma pergunta feita por Chevalier, pois, perguntar é a atribuição primordial dos artistas – é o que move seus processos de criação: “se estamos nesta vastidão de Terra movimentando essas mesmas corpos, qual o sentido de tudo isso?”.

Referências

- BEIGUELMAN, Giselle. Link-se: arte, mídia, política, cibercultura. São Paulo: Petrópolis, 2005.
- FERÁL, Josette. Além dos limites: teoria e prática do teatro. Trad. J. Guisburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GLOTAN, R. e CLERO, C. A actividade criadora na criança. São Paulo: Editorial Estampa, 1973.
- GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Matrizes impressas do oral: conto russo no sertão. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- MORIN, Edgar. O método 4: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PRECIADO, Paul. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- SALLES, Cecília A. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Ed. Annablume, 2011.

Wagner Miranda Dias

<https://orcid.org/0000-0002-8733-5895>

Doutorando em Comunicação e Semiótica. Desenvolve pesquisa sobre os processos de criação do teatro, dança e performance.